

A verdadeira Caridade

Anoitecia. O disco solar debruçava-se no poente entre casas e prédios.

A campainha soou. Fui atender ao chamado.

Diante de mim um homem ainda moço, razoavelmente vestido.

Tio (apesar dos meus cabelos brancos, ele foi gentil), me dá uma ajuda “pra comprá” comida.

Reconheci-o.

O “meu”, é você outra vez? – o pedido e as justificativas eram sempre as mesmas. – Você aparece... desaparece... o que acontece?

Sabe, “dotor” (já tinha me promovido para autoridade), sabe como é que é... de vez em quando eu tenho uma internação.

Em hospital?

É, no hospital.

Ahn!

Então, tio, dá um dinheirinho aí..., uns “vinte real”, já quebra o galho!

Acho que precisamos cuidar da árvore toda.

Ele olhou intrigado.

Que árvore?

Você!

“Dotor”, acho que não tem mais jeito não! É só “quebrar o galho” com um dinheirinho.

Vamos cuidar da árvore. Vamos cuidar de você.

Tá bem, tio, mas dá um vintezinho aí!

Vou ver o que tenho no momento.

Para atingir o remoto é preciso chegar ao imediato. Um gesto de aproximação e não discurso moralista e autoritário.

Uma nota de “vintão”, no momento, não tenho não..., mas, para “quebrar” o galho... Olha aí umas moedinhas que dará para você matar a fome do momento.

Tudo bem, “dotor”, até que ajuda...

A frase dita com tonalidade de desalento.

Agora, vamos cuidar da árvore.

Como?

No quarteirão acima..., está vendo aquela casa amarela?

Tô!

É a assistência social Meimei.

Amanhã, entre nove e onze horas, você vá lá. Conte a sua história. A pessoa que o atender ouvirá tudo o que você tem a dizer e então um grupo de pessoas verá o que é possível fazer para cuidar de você: do seu corpo, da sua alma, enfim, da sua personalidade.

“Pode deixar, doutor”. Amanhã estarei lá.

Nesse encaminhamento lembrei-me da questão nº. 888, de O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec: “Condenando-se a pedir esmola, o homem se degrada física e moralmente: embrutece-se. Uma sociedade que se baseie na lei de Deus e na justiça deve prover à vida do fraco, sem que haja para ele humilhação. Deve assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem lhes deixar a vida à mercê do acaso e da boa vontade de alguns”.

Nós pessoalmente, as organizações religiosas, organizações não governamentais, clubes de serviço, Maçonaria devemos procurar ajudar aqueles que estão no estado de miserabilidade, porém de uma forma que respeite a sua dignidade e lhe sejam reconhecidos os seus direitos sociais.

Lembrei que a Constituição da República Federativa do Brasil diz em seu artigo 6º - “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Destarte, tanto quanto possível, cobremos dos órgãos públicos através de seus representantes: vereador, deputado, senador, prefeito, governador e presidente da República o cumprimento das normas legais que expressarão a justiça e a caridade em seu mais amplo sentido.

Aylton Paiva – A Verdadeira Caridade - O Consolador – N° 118 – 02/08/2009